

1.1. Practices of inclusion in formal and non-formal education contexts

SP - (20147) - TRILHAS ANTIRRACISTAS: CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS NO BANCO ESCOLAR

Iêda Lúcia Raimundo De Oliveira (Brazil)¹

1 - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Short Abstract

A concepção de um projeto educacional antirracista, que ilumine o estudante, assim como toda comunidade escolar e seu entorno, nas alamedas da cidadania plena, indubitavelmente, perpassa pelo processo de construção de um arcabouço de conhecimento estruturado, e cimentado, por suas relações dialógicas acerca das questões culturais, políticas e sociais, historicamente engendradas. Nesse entendimento, um novo olhar sobre as possibilidades de contribuição para uma sociedade mais justa, menos desigual, em todos os âmbitos, torna-se o delineador do projeto Trilhas Antirracistas nos espaços educacionais. Impossível pensar em uma sociedade democrática de direito longe de práticas coerentes que combatam as desigualdades raciais, assim como todas as injustiças sociais. Colocar em debate estas questões no banco escolar é pautar questões sobre a emancipação humana; é ir ao encontro de um projeto de mundo melhor - para além dos conteúdos programáticos. As narrativas que escrevemos com os acontecimentos contemporâneos, as injustiças e violências sociais, coincidindo com a cor da pele, dentro de um racismo estrutural, leva-nos para a necessidade efetiva de discutir e combater as barbáries morais, intelectuais e sociais contra o negro no Brasil. Fomentar o ensino antirracista, colocar uma lente de aumento sobre as contribuições do negro em nossa formação social, deixa de ser debate plebiscitário, mas uma obrigação constitucional; muito mais que isso, uma questão de libertação humana. O projeto foi sonhado e formado a partir de eixos temáticos dialógicos e em movimento. Os desdobramentos dos eixos se deram consoante os impactos positivos alcançados em toda comunidade escolar. Com olhares cirúrgicos, observamos as transformações nos estudantes em relação à construção da autoestima, da autonomia, protagonismo, da identidade. Meninos e meninas, reconhecendo-se como pretos, pardos, periféricos, guerreiros, passaram a ter a força e o poder da beleza que neles despertava a cada dia, no nascer do olhar do preto. Percebemos que começaram a entender o papel que representavam na sociedade, na rua, no bairro onde moram; que a felicidade de uma sociedade só pode se dar pela igualdade entre as pessoas, independentemente da cor de sua pele. Vivemos em uma sociedade forjada pelas desigualdades raciais, sociais, étnicas, culturais, sexista. Nas ruas dessas diversidades históricas caminham as disparidades truculentas, perversas. Desvelar, no banco escolar, as contribuições do negro, desde sua chegada das várias Áfricas até a contemporaneidade, torna possível um horizonte no qual a alteridade entre os sujeitos seja fortemente sustentável.

References

MOURA, Clovis (1977) **O Negro: de Bom Escravo a Mau Cidadão?** Rio de Janeiro: Editora Conquista.

NASCIMENTO, Beatriz (1979) "**Quilombo do Jabaquara**". Revista de Cultura Vozes. Petrópolis: ano 1973, abril, nº 03.

RATTS, Alecsandro (Alex) JP. **Eu sou Atlântica: Sobre a Trajetória de Vida de Beatriz Nascimento** .1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial/ Instituto Kuanza, 2007. v.1. 136p.